

Leonardo F.S. Boiko

***Os adjetivos-na japoneses como palavras
nominais: O caso dos “adjetivos-no”***

Monografia da disciplina FLO5092 –
*Morfologia e Estruturas Sintáticas da Língua
Japonesa*

Professora: Junko Ota

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo

2014

Sumário

Lista de abreviações

1	Introdução	p. 5
1.1	Classes lexicais na língua japonesa	p. 5
2	Duas visões sobre os adjetivos-na	p. 10
2.1	Adjetivos-na segundo Baker	p. 10
2.1.1	Argumento da resultativa	p. 10
2.1.2	Argumento do <i>totemo</i>	p. 11
2.1.3	Argumento do uso adverbial	p. 11
2.1.4	Argumento da derivação incoativa e causativa	p. 12
2.1.5	Argumento do contador flutuante	p. 12
2.1.6	Conclusão de Baker: classes de flexão	p. 12
2.2	Adjetivos-na segundo Uehara	p. 13
2.2.1	Argumento da reduplicação enfática	p. 13
2.2.2	Argumento do marcador de modalidade	p. 13
2.2.3	Argumento das interrogativas	p. 14
2.2.4	Argumento da classe aberta	p. 14
2.2.5	Argumento da linguagem de gênero	p. 15
2.2.6	Conclusão de Uehara: gradatividade	p. 15
3	O caso do “adjetivo-no”	p. 17
3.1	<i>Heiwa</i> : pares substantivo-adjetivo	p. 17

3.2	<i>Tokubetsu</i> : Palavras ambivalentes	p. 18
3.3	<i>Byōki</i> : Adjetivos-no?	p. 18
3.4	Testando os “adjetivos-no”	p. 19
3.4.1	Problemas com os testes de Baker	p. 19
3.4.2	Teste do <i>totemo</i>	p. 20
3.4.3	Palavras ambíguas	p. 21
	Referências Bibliográficas	p. 23

Lista de abreviações

ACC acusativo (objeto direto)

CONT contador

COP cópula (verbo de ligação)

IPFV imperfeito (ação não completa)

NEG negação

NOM nominativo (sujeito)

PFV perfeito (ação completa, resultado)

1 *Introdução*

1.1 Classes lexicais na língua japonesa

A língua japonesa possui dois tipos de adjetivos, que podem ser distinguidos facilmente em posição atributiva (isto é, quando modificam um substantivo): a primeira classe precisa do morfema de ligação *-i*, e a segunda, *-na*. Considere o exemplo:

<u>Adjetivo-i</u>		
<i>muzukashi-</i>	<i>-i</i>	<i>hon</i>
difícil	<i>-i</i>	livro
“livro difícil”		
<u>Adjetivo-na</u>		
<i>kantan-</i>	<i>-na</i>	<i>hon</i>
fácil	<i>-na</i>	livro
“livro fácil”		

Tabela 1.1: As duas classes de adjetivos

Os adjetivos-i comumente são analisados como palavras flexionáveis, e o elemento de ligação *-i* como sua flexão (ou seja, como um morfema preso). Já a análise dos adjetivos-na tem sido uma discussão perene nos estudos gramaticais japoneses. Há duas hipóteses possíveis:

- i. Os adjetivos-na são flexionados, assim como verbos e adjetivos-i. Isso implica que o morfema *-na* é parte da palavra (sua flexão).
- ii. Os adjetivos-na não são flexionados, assim como substantivos. Isso implica que o morfema *na* é livre (uma palavra separada).

A chamada “gramática tradicional japonesa” baseia-se em modelos clássicos de análise do discurso, seguindo uma tradição que data dos estudiosos nativistas (*kokugakusha*) do período Edo.¹ Dentre alguns gramáticos influentes, Yamada (1936), Tokieda (1950) e Watanabe (1978) propõe análises da forma de *ii.*, enquanto que Matsushita (1930) e Hashimoto (1959) seguem a hipótese *i.* A gramática de Hashimoto, em particular, foi escolhida como base da gramática escolar japonesa (*gakkō bunpō*); como resultado, livros escolares e dicionários contemporâneos seguem análises do tipo *i.* Este artigo não descreverá as gramáticas tradicionais; para mais detalhes, ver [Morales \(2\)](#) e [Kato \(3\)](#).

As teorias e métodos da linguística moderna parecem a princípio incomensuráveis com a gramática tradicional. Porém, fascinadamente, o mesmo debate em torno dos adjetivos-na também é forte no meio linguístico. Alguns trabalhos que defendem que o adjetivo-na seria flexionado incluem [Ohkado \(4\)](#), [Nishiyama \(5\)](#), [Yamakido \(6\)](#) e [Baker \(7, seção 4.6\)](#). Posição contrária aparece em [Martin \(8\)](#), [Miyagawa \(9\)](#), [Shibatani \(10\)](#) e [Uehara \(11\)](#), dentre outros. Neste trabalho, serão analisados alguns argumentos de Baker e Uehara.²

Para entender melhor a questão das flexões, observe a seguinte comparação de algumas classes de palavras, na qual os elementos de ligação não estão analisados:

Predicação			
Substantivo	<i>hon</i>	<i>da.</i>	
“É um livro”	livro	<i>da</i>	
Adjetivo-na	<i>kantan</i>	<i>da.</i>	
“É fácil”	fácil	<i>da</i>	
Adjetivo-i	<i>muzukashi</i>	<i>i.</i>	
“É difícil”	difícil	<i>i</i>	
Verbo	<i>nokor</i>	<i>u.</i>	
“Sobra”	sobrar	<i>u</i>	
Atribuição (adnominal)			
Substantivo	<i>onna</i>	<i>no</i>	<i>hon.</i>
“Livro da mulher”	mulher	<i>no</i>	livro

¹Para um histórico das gramáticas tradicionais, ver [Suzuki \(1\)](#).

²Para comparações entre todos os autores citados e mais alguns, ver [6](#) e [11](#).

Adjetivo-na	<i>kantan</i>	<i>na</i>	<i>hon.</i>
“Livro fácil”	fácil	<i>na</i>	livro
Adjetivo-i	<i>muzukashi</i>	<i>i</i>	<i>hon.</i>
“Livro difícil”	difícil	<i>i</i>	livro
Verbo	<i>nokor</i>	<i>u</i>	<i>hon.</i>
“Livro que sobra”	sobra	<i>u</i>	livro
Negação			
Substantivo	<i>hon</i>	<i>ja</i>	<i>nai.</i>
“Não é um livro”	livro	<i>ja</i>	NEG
Adjetivo-na	<i>kantan</i>	<i>ja</i>	<i>nai.</i>
“Não é fácil”	fácil	<i>ja</i>	NEG
Adjetivo-i	<i>muzukashi</i>	<i>ku</i>	<i>nai.</i>
“Não é difícil”	difícil	<i>ku</i>	NEG
Verbo	<i>nokor</i>	<i>a</i>	<i>nai.</i>
“Sobra”	sobra	<i>a</i>	NEG
Frase de ligação			
Substantivo	<i>hon</i>	<i>de,</i>	
“É um livro, e...”	livro	<i>de</i>	
Adjetivo-na	<i>kantan</i>	<i>de,</i>	
“É fácil, e...”	fácil	<i>de</i>	
Adjetivo-i	<i>muzukashi</i>	<i>ku-te,</i>	
“É difícil, e...”	difícil	<i>ku-te</i>	
Verbo	<i>noko(t)</i>	<i>te,</i>	
“Sobra, e...”	sobrar	<i>te</i>	
Modificação de verbo			
Substantivo	<i>hon</i>	<i>wo (ACC)</i>	<i>yom-u.</i>
“Ler livro”	livro	<i>wo</i>	ler-IPFV
Adjetivo-na	<i>kantan</i>	<i>ni</i>	<i>yom-u.</i>
“Ler facilmente”	fácil	<i>ni</i>	ler-IPFV
Adjetivo-i	<i>muzukashi</i>	<i>ku</i>	<i>yom-u.</i>

“Ler dificilmente”	difcil	<i>ku</i>	ler-IPFV
Verbo	<i>yom</i>	<i>i</i>	<i>kaes-u.</i>
“Reler”	ler	<i>i</i>	voltar-IPFV

Tabela 1.2: Comparação de classes de palavras

(As abreviações na tabela seguem o padrão Leipzig (12). Há uma lista completa na página 3.)

A tabela 1.2 compara quatro classes de palavras em ambientes sintáticos semelhantes. Em cada exemplo, o morfema que carrega o sentido é seguido por um elemento de ligação. É saliente que há uma semelhança entre os elementos que seguem substantivos e adjetivos-na.

Seriam esses elementos parte da mesma palavra – flexões – ou palavras separadas (sejam partículas ou cópulas)? Note que a princípio é possível definir qualquer classe de palavra como flexionável ou não, bastando decretar que o elemento de ligação seja uma “flexão” ou uma “outra palavra”. Para alcançar uma classificação coerente, é preciso decidir antes por quais critérios define-se uma “palavra”. Tais critérios podem ser mais complexos do que parecem; cf. Uehara (11, seção 2.2.2.2) e Haspelmath (13).

Tanto os gramáticos tradicionais quanto os linguistas citados acima classificam os verbos e adjetivos-i como palavras flexionadas, unanimemente. Isto é, eles definem elementos como *-i* e *-u* como parte da mesma palavra que o radical que carrega o sentido. A razão é clara: os radicais dessas classes (e.g. *nokor-* ou *muzukashi-*) não aparecem de forma independente, e os morfemas que os seguem não podem ser deslocados (não ocorrem formas como **nokor ga u* ou **muzukashi wa ku nai*).

Por motivos opostos e análogos, os substantivos geralmente são classificados como não-flexionados, e seus elementos de ligação, como *da* ou *no*, como palavras separadas.³ Ao contrário dos verbos e adjetivos-i, é muito fácil separar os substantivos dos elementos de ligação, e eles aparecem isoladamente sem problemas (como na pergunta coloquial: *hon?* “[é um] livro?”, mas não **muzukashi?* e sim **muzukashi-i?* “é difícil?”). Os elementos de ligação que acompanham os substantivos na tabela 1.2 são particularmente propensos à omissão na fala, mostrando que os substantivos são independentes.

³Alguns autores consideram esses elementos de ligação semi-presos, ou “clíticos”; Vance (14) analisa algumas propostas nesta linha e levanta contra-argumentos.

Uma visão alternativa sobre substantivos é a de Chew (15), que propõe que eles seriam flexionados. Seus argumentos são os seguintes:

- i. Prosodicamente, é impossível uma pausa entre o substantivo e o elemento de ligação (na frase *onna-no hon*, não se pode pausar entre *onna* e *no*).
- ii. Fonologicamente, o contorno tonal do acento japonês (no dialeto padrão) inclui o elemento de ligação. Por exemplo, há uma distinção lexical entre *kákí-no* “da cerca” e *kákí-nó* “do caqui” (onde o tom alto está marcado com o sinal do acento agudo).
- iii. Embora normalmente os japoneses não escrevam com espaços, em alguns casos eles o fazem (por exemplo, nos livros em escrita *kana* para crianças em letramento). Em tais casos, os nativos preferem não separar os substantivos dos elementos de ligação (escrevendo *おんなのほん onnano hon* e não *おんな のほん onna no hon*).

Os argumentos de Chew são válidos, mas parecem refletir apenas fatos fonológicos, e não invalidam a clara liberdade sintática dos substantivos. Parece plausível propor que a *palavra fonológica* japonesa inclui os elementos de ligação (partículas), mas a *palavra morfossintática* certamente não as inclui (ver 13, seção 2, e 14). De toda forma, Chew parece ter sido ignorado por linguistas modernos, e em discussões morfossintáticas o substantivo japonês sempre é considerado não-flexionado.

2 *Duas visões sobre os adjetivos-na*

2.1 Adjetivos-na segundo Baker

Baker (7) constrói uma teoria, na linha gerativista, que postula que todas as línguas do mundo possuem exatamente as categorias seguintes: Substantivos, Adjetivos e Verbos. Ao considerar o japonês sob a ótica desta teoria, ele conclui que tanto adjetivos-i quanto adjetivos-na fazem parte da mesma classe, Adjetivos, levantando os seguintes fatos como argumento (seção 4.6.1 da op.cit.):

2.1.1 Argumento da resultativa

Uma expressão resultativa é uma que descreve o estado resultante de uma ação, na seguinte forma:

- a. *Tarō ga kami wo mijika-ku kit-ta.*
 Tarō NOM cabelo ACC curto-ku cortar-PFV
 “Tarō cortou o cabelo curto.”
- b. *Tarō ga kami wo kirei-ni kit-ta.*
 Tarō NOM cabelo ACC bonito-ni cortar-PFV
 “Tarō cortou o cabelo bonito.”

A expressão *kirei-ni* “bonito” em b. não descreve o modo da ação de cortar, mas sim seu resultado – exatamente como *mijika-ku* “curto”. Segundo Baker, apenas Adjetivos podem aparecer em posição resultativa, o que coloca os adjetivos-i e adjetivos-na igualmente nesta categoria.

2.1.2 Argumento do *totemo*

Há certos quantificadores de grau, como *totemo* “muito” ou *yaya* “um pouco”, que só aparecem com adjetivos-*i* e adjetivos-*na*:

- c. *Hanako ga totemo utsukushi-i.*
 Hanako NOM muito bonito-*i*
 “Hanako é muito bonita.”
- d. *Hanako ga totemo kirei-da.*
 Hanako NOM muito bonito-*da*
 “Hanako é muito bonita.”
- e. **Hanako ga totemo sensei-da.*
 Hanako NOM muito professor-*da*
 “*Hanako é muito professora.”
- f. **Hanako ga totemo tabe-ru.*
 Hanako NOM muito comer-IPFV
 “*Hanako come muito.”

Este fato se encaixa com a proposta de Baker que certos “núcleos de gradação” (*degree heads*) modificam exclusivamente Adjetivos – com a ressalva que os núcleos japoneses não aparecem na posição sintática esperada, que seria após o adjetivo (p. 242, nota 35).

2.1.3 Argumento do uso adverbial

Na teoria de Baker, advérbios estão na mesma categoria que adjetivos. No caso japonês, tanto adjetivos-*i* quanto adjetivos-*na* possuem formas adverbiais:

- g. *utsukushi-ku*
 bonito-*ku*
 “lindamente”
- h. *ryūchō-ni*
 fluente-*ni*
 “fluentemente”

2.1.4 Argumento da derivação incoativa e causativa

Baker nota ainda que os adjetivos-i e adjetivos-na podem receber os mesmos sufixos para derivar verbos com sentido incoativo (ação de tornar-se) e causativo (ação de fazer ser), que são respectivamente *-maru* e *-meru*:

- | | | | |
|----|-------------------|-----------------------|--------------------|
| i. | <i>tsuyo-i</i> | <i>tsuyo-mar-u</i> | <i>tsuyo-mer-u</i> |
| | “ser forte” | “tornar-se forte” | “fortalecer” |
| j. | <i>shizuka-da</i> | <i>shizu-mar-u</i> | <i>shizu-mer-u</i> |
| | “ser tranquilo” | “tornar-se tranquilo” | “acalmar” |

2.1.5 Argumento do contador flutuante

Nem o adjetivo-i nem o adjetivo-na admitem contadores na posição a seguir:

- | | | | | | | |
|----|----------------------------------------------|-----------|---------------|-----------|----------------|--------------------|
| k. | <i>Kyaku</i> | <i>ga</i> | <i>ryōkan</i> | <i>ni</i> | <i>san-nin</i> | <i>tsui-ta.</i> |
| | convidado | NOM | estalagem | na | três-CONT | chegar-PFV |
| | “Três convidados chegaram na estalagem.” | | | | | |
| j. | * <i>Kyaku</i> | <i>ga</i> | <i>byōki</i> | <i>de</i> | <i>san-nin</i> | <i>yowakat-ta.</i> |
| | convidado | NOM | doença | de | três-CONT | fraco-PFV |
| | “*Três convidados estavam fracos de doente.” | | | | | |

2.1.6 Conclusão de Baker: classes de flexão

Pelos testes descritos nesta seção, Baker conclui que os adjetivos-na se comportam assim como os adjetivos-i “de todas as formas que importam”. Quanto às semelhanças superficiais entre os adjetivos-na e os substantivos (cf. tabela 1.2), Baker considera-as mero acidente histórico, decorrente do fato dos adjetivos-na terem sido originalmente construídos a partir de palavras estrangeiras aglutinadas à cópula; mas, no que diz respeito à língua moderna, o autor defende que os adjetivos-na e os adjetivos-i são meramente classes de flexão diferentes da mesma categoria, Adjetivos.

- c. *Hon ka mo shirenai.*
Kantan ka mo shirenai.
Furu-i ka mo shirenai.
 (não:) **Furu ka mo shirenai.*
Tabe-ru ka mo shirenai.
 (não:) **Tabe ka mo shirenai.*

2.2.3 Argumento das interrogativas

Em orações interrogativas, também, a distinção de independência dos morfemas é clara:

- d. *Hon ka?*
Kantan ka?
Furu-i ka?
 (não:) **Furu ka?*
Tabe-ru ka?
 (não:) **Tabe ka?*
- e. *Hon ?*
Kantan ?
Furu-i ?
 (não:) **Furu ?*
Tabe-ru ?
 (não:) **Tabe ?*

O mesmo se aplica a outras interrogativas como *kashira* “será que...”, *ka dō ka* etc.

2.2.4 Argumento da classe aberta

Pelos dados acima, Uehara conclui que os adjetivos-na são palavras independentes, não-flexionadas, assim como os substantivos. Já os adjetivos-i e verbos são acompanhados por elementos de ligação presos. O grau de coesão destas duas classes é tamanho, que elas se comportam como classes fechadas. Quando um adjetivo novo é importado ou cunhado na língua, ele quase sempre será um adjetivo-na:

- f. “*elegant*” → *ereganto da* **ereganto-i*
 “*happy*” → *happi da* **happi-i*

Similarmente, novos verbos normalmente serão compostos por substantivos seguidos do verbo auxiliar *suru*:

- g. “copy” → *koppi suru* **kopp-u*
 “get” → *getto suru* **getto-ru*

Em outras palavras, de um lado temos os substantivos e adjetivos-na como classes abertas, e de outro os adjetivos-i e verbos como fechadas.

2.2.5 Argumento da linguagem de gênero

O contraste entre as categorias flexionada e não-flexionada, definidas pelos critérios acima, aparece inclusive na linguagem marcada para gênero:

h. Fala “masculina”	Fala “feminina”
<i>Hon da yo.</i>	<i>Hon yo.</i>
<i>Kirei da yo.</i>	<i>Kirei yo.</i>
<i>Furu-i yo.</i>	<i>Furu-i wa yo.</i>
<i>Ik-u yo.</i>	<i>Ik-u wa yo.</i>

2.2.6 Conclusão de Uehara: gradatividade

Para este autor, o comportamento morfossintático marca claramente uma distinção primária entre “nominais”, incluindo substantivos e adjetivos-na, e “verbais”, incluindo adjetivos-i e verbos. É verdade que os adjetivos-i e adjetivos-na exercem função semântica semelhante, mas a semântica não determina comportamento formal.

Uehara faz uso dos princípios da linguística cognitiva, que propõe categorias com gradatividade. De acordo com esta teoria, uma categoria possui membros mais ou menos prototípicos, que podem seguir à risca ou se afastar gradualmente de um modelo exemplar. No caso do japonês, Uehara propõe um continuum que vai do mais nominal ao mais verbal. Desta forma, adjetivos-na são quase como substantivos: não se flexionam, levam cópula e são classe aberta. As principais diferenças são que eles modificam com *na* ao invés de *no*, e não aceitam partículas de caso como *ga* ou *wo* (fato que Uehara atribui a critérios semânticos). Similarmente, adjetivos-i são quase verbos (flexionam, não levam cópula, modificam diretamente), com algumas diferenças (ausência de flexão imperativa, paradigma próprio).

Esse modelo contínuo dá conta de casos ambíguos e intermediários. Algumas pa-

lavras, como *atataka-i/na* e *yawaraka-i/na*, funcionam tanto como adjetivo-i quanto adjetivo-na. Um outro grupo, incluindo *chiisa-i/na* e *okashi-i/na*, aceita a cópula atributiva *na* mas não a predicativa *da*, como se estivessem entre os adjetivos-na e adjetivos-i, mas tendendo a este último:

<i>atataka-i.</i>	<i>atataka da.</i>	<i>atataka-i hi</i>	<i>atataka na hi</i>
“é quentinho”	“é quentinho”	“dia quentinho”	“dia quentinho”
<i>chiisa-i.</i>	* <i>chiisa da.</i>	<i>chiisa-i hon</i>	<i>chiisa na hon</i>
“é pequeno”	“*é pequeno”	“livro pequeno”	“livro pequeno”

3 O caso do “adjetivo-no”

3.1 *Heiwa*: pares substantivo-adjetivo

Esta seção se baseia no capítulo 3 de [Uehara \(11\)](#).

Vimos na tabela 1.2 e na seção 2.2 que os adjetivos-na e substantivos são muito semelhantes, sendo que uma distinção crucial entre eles é que os adjetivos-na modificam nominais com *na* ao invés de *no*. Compare as seguintes frases:

heiwa na kuni

paz *na* país

“país pacífico”

heiwa no kuni

paz *no* país

“O País da Paz”

De acordo com a teoria semântica de [Wierzbicka \(16\)](#) (adotada por Uehara), substantivos colocam seu referente em uma classe ou categoria, com todo um conjunto de propriedades associadas; enquanto adjetivos não classificam, mas tão-somente atribuem uma propriedade específica ao referente. No caso de *heiwa* “paz, pacífico”, esta distinção está claramente marcada pela escolha de *no* ou *na*, que força a palavra a ser lida como substantivo ou adjetivo, e conseqüentemente como “categoria” (país da paz) ou “atributo” (país pacífico).

Palavras do tipo *heiwa* podem ser consideradas pares de substantivo e adjetivo homófonos (ou, equivalentemente, como palavras de função dual). Prova disso é que ocorrem com as partículas de caso, que definem substantivos (*ga*, *wo*, *kara*).

Outras palavras nesta classe incluem *kenkō na/no* (saudável/saúde), *baka na/no* (tolice/tolo), *anzen na/no* (seguro/segurança), *zeitaku na/no* (luxuoso/luxo) e várias outras.

3.2 *Tokubetsu*: Palavras ambivalentes

Assim como *heiwa*, *tokubetsu* “especial” aceita tanto *na* quanto *no*. Porém, ao contrário de *heiwa*, não parece haver nenhuma diferença semântica: *tokubetsu no kuni* e *tokubetsu na kuni* ambos podem ser traduzidos por “país especial”. Palavras do tipo de *tokubetsu* incluem *hitonami na/no* “médio”, *tadai na/no* “numeroso”, *dōyō na/no* “semelhante”, *makkuro na/no* “totalmente preto” e várias outras.

Uehara examinou 264 adjetivos-*na* frequentes e descobriu que 71.2% também aceitam *no* ou partículas de caso – ou seja, a maioria apresenta comportamento ambíguo, semelhante a substantivo (seja do tipo *heiwa* ou do tipo *tokubetsu*). Há uma correlação parcial entre os dois critérios: dentre as 113 palavras que aceitavam *no*, 67.26% também aceitavam partículas de caso.

3.3 *Byōki*: Adjetivos-*no*?

Compare as seguintes expressões atributivas em japonês e português:

byōki *no/*na* *hito*

doente *no* pessoa

“pessoa doente”

hontō *no/*na* *hanashi*

verdadeiro *no* história

“história verdadeira”

eien *no/*na* *heiwa*

eterno *no* paz

“paz eterna”

Nos exemplos acima, palavras que traduzimos por adjetivos precisam de *no* em japonês. Formalmente elas são substantivos, mas o papel semântico nos parece ser atributivo, de adjetivo. Não nos soa natural traduzir *byōki no hito* como “pessoa da doença” ou “pessoa dos doentes”, mas sim como “pessoa doente”. Porém, a palavra *byōki* admite apenas *no* e não *na*. Um olhar mais cuidadoso revela mais argumentos para tratar *byōki* como o substantivo “doença”. Em primeiro lugar, ele aceita partículas de caso (*byōki ga hajimatta* “a doença começou”). Além disso, palavras como *byōki* rejeitam quantificadores de grau, o que não se aplica à tradução portuguesa:

??	<i>motto</i>	<i>byōki</i>	<i>no/*na</i>	<i>hito</i>
	mais	doente	<i>no</i>	pessoa
	“pessoa mais doente”			
*	<i>motto</i>	<i>hontō</i>	<i>no/*na</i>	<i>hanashi</i>
	mais	verdadeiro	<i>no</i>	história
	“história mais verdadeira”			
*	<i>motto</i>	<i>eien</i>	<i>no/*na</i>	<i>heiwa</i>
	mais	eterno	<i>no</i>	paz
	? “paz mais eterna”			

Para Uehara, o uso de *no* enquadra em um perfil de “coisa, categoria” e *na*, de “atributo”. Ele nota com vários dados que o *no* geralmente não aceita quantificadores de grau, mas, ao contrário de Baker, propõe uma motivação semântica para tal: a categorização se refere potencialmente a vários atributos da classe, e não aceita modificação de grau porque não estaria claro quais dos diversos atributos estariam sendo alterados. Em outras palavras, *na* tende a ser usado para conceitos graduais, e *no* para pontuais (*tsugi no*, *ichiban no*) ou absolutos (*zettai no*, *saidai no*).

3.4 Testando os “adjetivos-no”

3.4.1 Problemas com os testes de Baker

De acordo com Baker, os critérios que definem adjetivos são estruturais e exclusivos, não se aplicando às outras categorias lexicais. Gostaríamos de testá-los em corpus; porém, vários deles mostram-se problemáticos por razões diferentes.

No caso do argumento pela resultativa, não está claro por que uma expressão nominal como *nihon ni kita* “veio [até] o Japão” não possa ser comparada – morfologicamente, sintaticamente, semanticamente – com *kirei ni kita* “cortou [até ficar] bonito”. Do ponto de vista interno à língua, sem a necessidade de defender uma teoria apriorística, as duas construções parecem semelhantes demais para distinguir classes.¹ O caso adverbial é similar: parece pouco motivada a distinção entre o adjetivo-na em *ryūchō ni hanasu* “falar fluentemente” e o nominal *saki ni hanasu* “falar antes”.

No caso das derivações com *-meru* e *-maru*, esses são processos diacrônicos, não

¹Croft (17) desenvolve uma crítica mais detalhada ao método de Baker como “metodologicamente oportunista”: selecionando os fatos que reforçam uma teoria proposta de antemão.

produtivos; não é o caso que sejam aplicáveis a qualquer adjetivo, e (ao contrário do que Baker afirma) também não é o caso que não se apliquem a nenhum substantivo. Por exemplo, de *soba* “lado” veio *sobameru* “empurrar para o lado”, de *kiwa* “borda, extremidade” *kiwamaru* “atingir o limite”; e por outro lado não aparecem **nigiyakamaru* ou *-meru* (Baker não explica por que cai o *-ka* em *shizu-maru*, mas **nigiya-maru* tampouco encontra uso).

Restam os testes do *totemo* e do contador. Destes, optamos pelo teste *totemo* por ser mais simples de investigar. De acordo com Baker, nenhum substantivo ou verbo deveria aceitar este modificador.

3.4.2 Teste do *totemo*

Usamos como corpus o texto completo da Wikipedia japonesa, segmentado automaticamente pelo software KyTea seguindo as instruções de Yamaguchi (18). O resultado alcançou 1 bilhão de palavras. A seguir, usando ferramentas padrão Linux, buscamos todas as ocorrências de *totemo* (cerca de 13 mil), separando as palavras (tokens) que seguiam imediatamente. Buscamos dentre estas aquelas que não estavam marcadas como adjetivo-i nem adjetivo-na no dicionário eletrônico EDICT (19). Ordenamos o resultado por número de ocorrências, a fim de minimizar erros. Os resultados válidos mais numerosos foram:

Nº	Token	Transcrição	Tradução	Exemplo
97	慕(う)	<i>shita(u)</i>	ter saudades	とても慕っている。
89	喜(ぶ)	<i>yoroko(bu)</i>	estar feliz	とても喜んだが、「気持ち悪いよ」[...]
48	尊敬	<i>sonkei</i>	respeito	父はとても尊敬していた。
46	愛(す)	<i>ai(su)</i>	amar	動物をととても愛したことが[...]
40	似(る)	<i>ni(ru)</i>	parecer	やっぱり母子、とても似ている。
38	言え(る)	<i>ie(ru)</i>	poder ser dito	とても言える状態ではなかった。
33	思え(る)	<i>omoe(ru)</i>	poder ser pensado	同じ雑誌とはとても思えない。
32	優れ(る)	<i>sugure(ru)</i>	ultrapassar	とても優れた 必殺技である。
32	信頼	<i>shinrai</i>	fé	神をととても信頼している様子。
21	考え(る)	<i>kangae(ru)</i>	pensar	今だったらとても考えられないが、[...]
17	頼りにな(る)	<i>tayori ni na(ru)</i>	ser confiável	とても頼りになる。

Notamos que *totemo* ocorre com diversos verbos, em geral que expressam condição

ou estado e cujo significado admite gradação. Parece plausível então que a restrição do *totemo* seja semanticamente motivada, como propõe Uehara.

3.4.3 Palavras ambíguas

Quando da elaboração deste artigo, o EDICT listava 4866 palavras classificadas como adjetivos-na. Dessas, 1346 não estavam listadas como substantivos nem “adjetivo-no”. Buscamos-las no corpus da Wikipedia, procurando por ocorrências seguidas de *no* e *wo*, além de *na*, a fim de procurar palavras ambivalentes como *heiwa* ou *tokubetsu*, e que não estivessem listadas no dicionário.

Ao investigar palavras que receberam *wo*, encontramos os seguintes termos que, embora possam ser usados como substantivos, estavam no dicionário apenas como adjetivos-na:

Nº	termo	tradução
72	<i>enkotsu</i>	liso, ininterrupto
66	<i>chūjitsu</i>	fiel, devotado
53	<i>kanpeki</i>	perfeito
28	<i>gekagaku</i>	cirúrgico, cirurgia
22	<i>kōdai</i>	enorme
21	<i>fukuzatsu</i>	complexo
16	<i>kinben</i>	diligente
10	<i>kamoku</i>	calado, tímido
9	<i>kenjitsu</i>	sólido, firme
5	<i>meiseki</i>	claro, distinto

Todas essas palavras estavam classificadas (também) como substantivos (名詞 *meishi*) no dicionário japonês *Digital Daijisen*, o que cobre sua ocorrência seguida de *wo*. Porém, no dicionário EDICT, editado principalmente por estrangeiros, esta informação faltava. Palavras como *kanpeki* “perfeito” e *kōdai* “enorme” soam como adjetivos para falantes de línguas européias, mas no japonês essas mesmas palavras aparecem em posição de substantivo, e.g. *kanpeki wo motomeru* “buscar a perfeição”. Correções foram enviadas ao projeto EDICT.

Quanto às palavras que alternam entre *na* e *no*, alguns resultados interessantes incluem:

Palavra	Tradução	Nº <i>na</i>	Nº <i>no</i>	Proporção <i>no/na</i>
<i>kanari</i> (escrita em <i>kanji</i>)	bastante	0	55	-
<i>tobitobi</i>	espalhado	0	16	-
<i>kyōaku</i>	atroz	19	538	28.32
<i>furii</i>	livre	393	2980	7.58
<i>chikara-makase</i>	com toda a força	15	64	4.27
<i>pittari</i>	exato	45	134	2.98
<i>rūzu</i>	solto	112	153	1.366
<i>kuria</i>	limpo, claro	183	365	1.99
<i>warugi</i>	malícia, malicioso	15	12	0.8
<i>damedame</i>	inútil, inutilidade	18	13	0.72
<i>sayou</i> (em <i>kanji</i>)	desta forma	6	4	0.66
<i>zuibun</i> (em <i>kanji</i>)	muito, considerável	5	3	0.6
<i>orientaru</i>	oriental	74	39	0.53
<i>imaichi</i>	insatisfatório	24	12	0.5
<i>reisai</i>	insignificante	86	23	0.27
<i>yasuagari</i>	barato	39	9	0.23
<i>iregyurā</i>	irregular	177	40	0.23
<i>hōratsu</i>	licencioso	21	3	0.14
<i>doramachikku</i>	dramático	208	0	0
<i>ooraka</i>	calmo, magnânimo	240	0	0

Vemos que, mesmo limitando-nos a palavras que no dicionários estavam classificadas como “adjetivos-na puros”, há uma ampla variação no emprego de *no* e *na*, com palavras que preferem fortemente um ou outro, e todo o tipo de proporção entre os extremos. Isso sugere fluidez entre as categorias adjetivo-*na* e substantivo, reforçando a proposta de que ambas fazem parte do mesmo grupo morfológico, os nominais.

Referências Bibliográficas

- 1 SUZUKI, T. Dos fatos de língua aos estudos linguísticos no Japão. In: SUZUKI, T. et al. (Ed.). *Teorias gramaticais da língua japonesa*. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 13–43.
- 2 MORALES, L. M. Os qualificadores *keiyôdôshi* na língua japonesa. In: SUZUKI, T. et al. (Ed.). *Teorias gramaticais da língua japonesa*. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 161–182.
- 3 KATO, S. 日本語の品詞体系の通言語的課題 (Crosslinguistic analysis on part-of-speech system and peripheral categories in Japanese). *アジア・アフリカの言語と言語学*, 東京外国語大学アジア・アフリカ言語文化研究所, n. 3, p. 5–28, 2008. ISSN 18813283. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10108/51097>>.
- 4 OHKADO, M. On the status of adjectival nouns in Japanese. *Lingua*, v. 83, n. 1, p. 67–82, 1991. ISSN 0024-3841. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0024384191900527>>.
- 5 NISHIYAMA, K. Morphological boundaries of Japanese adjectives: Reply to Namai. *Linguistic Inquiry*, MIT Press, Cambridge, v. 36, n. 1, p. pp. 134–143, 2005. ISSN 00243892. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4179312>>.
- 6 YAMAKIDO, H. *The nature of adjectival inflection in Japanese*. Tese (Doutorado) — Stony Brook University, 2005.
- 7 BAKER, M. C. *Lexical categories: Verbs, nouns and adjectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- 8 MARTIN, S. E. *A reference grammar of Japanese*. New Haven: Yale University Press, 1975.
- 9 MIYAGAWA, S. Lexical categories in Japanese. *Lingua*, v. 73, n. 1–2, p. 29 – 51, 1987. ISSN 0024-3841. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0024384187900131>>.
- 10 SHIBATANI, M. *The Languages of Japan*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. ISBN 0521360706.
- 11 UEHARA, S. *Syntactic categories in Japanese: A typological and cognitive introduction*. Tese (Doutorado) — University of Michigan, Tokyo, 1995.
- 12 DEPARTMENT OF LINGUISTICS OF THE UNIVERSITY OF LEIPZIG. *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. 2008. Disponível em: <<http://www.eva.mpg.de/lingua/pdf/LGR08.02.05.pdf>>.

- 13 HASPELMATH, M. The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax. *Folia Linguistica*, Mouton de Gruyter, Berlin, v. 45, n. 1, p. 31–80, 2011. Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/fileadmin/content_files/staff/martin_haspelmath/pdf/WordSegmentation.pdf>.
- 14 VANCE, T. J. Are Japanese particles clitics? *The Journal of the Association of Teachers of Japanese*, American Association of Teachers of Japanese, v. 27, n. 1, p. 3–33, 1993. ISSN 08859884. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/489122>>.
- 15 CHEW, J. J. On word boundaries in Japanese. *The Journal-Newsletter of the Association of Teachers of Japanese*, American Association of Teachers of Japanese, v. 2, n. 3, p. 6–12, 1964. ISSN 00045810. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/488773>>.
- 16 WIERZBICKA, A. What's in a noun? (or: How do nouns differ in meaning from adjectives?). *Studies in language*, Benjamins, v. 10, n. 2, p. 353–389, 1986.
- 17 CROFT, W. Methods for finding language universals in syntax. In: SCALISE, S.; MAGNI, E.; BISETTO, A. (Ed.). *Universals of Language Today*. Springer Netherlands, 2009, (Studies in Natural Language and Linguistic Theory, v. 76). p. 145–164. ISBN 9781402088247. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4020-8825-4_8>.
- 18 YAMAGUCHI, Y. Wikipediaのデータからコーパス作成. 2011. Disponível em: <<http://www.ar.media.kyoto-u.ac.jp/members/yohei/wikipedia.html>>.
- 19 BREEN, J. *The EDICT Dictionary File*. 2013. Disponível em: <<http://www.edrdg.org/jmdict/edict.html>>.